

PORQUE NÃO ENTENDEIS A MINHA LINGUAGEM?

Dizem que entre Deus que quer falar ao homem, e o homem que está disposto a escutar Deus, alguma coisa não vai bem por culpa do pano de fundo de uma linguagem que não corresponde de maneira nenhuma à experiência do homem de hoje”. Mas receio que o sentido que se dá à expressão ‘homem de hoje’ seja muito restrito. Ou muito ambíguo. Parece que por homem de hoje se quer entender o cientista, ou o técnico, ou o filósofo; mas nunca o homem da rua. E ainda está por ver se “o homem de hoje” está disposto a escutar Deus. Por outro lado, que é isso de ter de falar-lhe de acordo com a sua experiência? Que se quer indicar quando se preconiza uma formulação, ou uma “expressão” da doutrina evangélica de acordo com as categorias do homem de hoje?

Não creio que com essa formulação se pretenda significar algo como o que vos vou dizer, lido num livro aparecido ainda não há muitos anos. Pelo menos, espero isso, O autor propunha “a interrogação do Evangelho pelos cristãos do nosso tempo em ordem ao juízo e à acção política”. Há que conseguir -dizia- “a marcha dos povos em diálogo”. E à pergunta de porquê Cristo não se quis *comprometer nos* assuntos temporais (aos quais, no entanto, com tanta tenacidade se quer comprometer hoje a Igreja), formulava, a modo de reflexão, as seguintes perguntas: “Pretenderia Cristo conservar as mãos limpas? Não compreendeu a importância da política? Teve um conceito desencarnado da religião?”

Francamente, parece-vos que se pode fazer tal pergunta ao Verbo de Deus, que encarnou no seio da Virgem Maria e se fez homem para nos revelar o mistério de Deus uno e trino? Credes que isto é exprimir a Boa Nova numa linguagem apropriada? Toda esta espécie de literatura, na verdade, faria rir se não desse tanta tristeza; dando-a, como a dá, desperta é vontade de chorar, não sei se de pena pela cegueira dos que a escrevem ou se pelo caos que está semeando na consciência dos cristãos, ou pelas duas coisas.

É certo que a mensagem evangélica é ininteligível para o mundo de hoje por causa de a Igreja se empenhar em continuar a expressá-la em termos, conceitos, categorias e experiências que correspondem a um mundo arcaico e superado? Gostaria que tentássemos aprofundar um pouco a questão.

A linguagem compõe-se de palavras, e uma palavra é, por definição, a expressão de uma ideia. Convém ter em conta, antes de mais, que sendo isto assim, mudar uma palavra é mudar uma ideia. Foi questão de uma simples palavra permanecer fiel á revelação ou ser herege ariano: *consubstancial* ou *semelhante*, essa era a diferença, mas o termo grego que a exprimia era quase idêntico. A Igreja, que é depositária da revelação, teve sempre um grande respeito pelas palavras, escolhendo-as cuidadosamente para exprimir com a maior precisão e exactidão possível o conteúdo da revelação.

É claro que as ideias mestras (à moda humana), as ideias básicas de quanto existe, as expressa a filosofia. No entanto, a revelação refere-se essencialmente a Deus e ao mundo sobrenatural, que, como compreendereis, excede inteiramente a capacidade natural da razão. Se entre todas as filosofias existentes, se entre todas as linguagens (não me refiro a idiomas, obviamente) há que escolher uma para exprimir, ao alcance da capacidade humana, e com a maior exactidão possível, a mensagem da salvação com toda a fidelidade, deve haver alguém que determine que linguagem, que filosofia, que categorias são as mais aptas para isso.

E quem tem esta capacidade para determinar que filosofia de todas quantas existem, é a que melhor exprime em termos humanos, em categorias de pensamento, as realidades sobrenaturais que nos foram reveladas? Sem qualquer dúvida, a Igreja. A ela foi confiado o depósito da Revelação, não só para que o guarde, mas também para que o ensine aos homens até ao fim dos tempos, enquanto houver homens a salvar. Só a ela foi confiada e concedida a faculdade de interpretar rectamente e de modo infalível o sentido da Escritura. Ela, a Igreja, é, portanto, quem tem de decidir que filosofia, que linguagem, é a mais apta para explicar com fidelidade as verdades reveladas, os mistérios divinos, até onde é possível fazê-los inteligíveis ao entendimento humano.

Demorou alguns séculos, mas não é agora ocasião de nos determos nesta pequena história, O facto é que a Igreja escolheu, e enquanto não encontrar outra melhor, é a filosofia do ser, a filosofia aristotélico-tomista, a que até ao presente e a seu juízo (e só ela pode sabê-lo) reúne a melhor aptidão para

expressar em categorias humanas a mensagem da Revelação.

Mas hoje há discordantes que, argumentando que os termos filosóficos tradicionais utilizados pela Igreja já não estão à altura das descobertas científicas, nem de acordo com a mentalidade dos homens de hoje, pressionam com força para que se mude a linguagem, ou seja, a filosofia. Isto é: as ideias.

Não é coisa nova. Chamou-me a atenção, lendo os tratados de Santo Agostinho sobre o Evangelho de São João, uma frase notável: “Não seja –dizia para justificar a sua insistência numa determinada passagem – não seja que algum calibrador de palavras e examinador de sílabas, com ares de saber latim, venha a corrigir o Verbo de Deus”. Não tenhais medo que não vou fazer um apanhado de toda a história; só mencionarei a tentativa que, nos fins do século XIX, fez o modernismo para relativizar o dogma mediante certas mudanças na sua formulação (sempre de acordo com a filosofia em voga), tentativa que não foi mais além pela vigilância e energia de São Pio X, figura pouco simpática hoje em certos sectores.

Não era então a linguagem que se queria mudar, como também não o foi há apenas trinta anos, quando um grupo de teólogos proclamou a necessidade de uma teologia nova, em que as categorias correspondessem ao mundo moderno. Tudo isso de *natureza e pessoa*, de *matéria e forma*, de *substância e acidente*, de *causa e efeito* – diziam —, com que se explicam a Trindade e a Encarnação, a Eucaristia, são categorias arcaicas e amplamente superadas. Se se quer que o mundo aceite os dogmas –proseguiam dizendo —, deve mudar-se a sua formulação, exprimi-los em categorias filosóficas actuais, pois cada época tem a sua linguagem e a sua própria mentalidade, e não se podem fazer inteligíveis as verdades reveladas se se exprimem numa linguagem arcaica que não corresponde à experiência do mundo actual. Para os novos “teólogos”, alma e corpo, matéria e espírito, são fases apenas da evolução cósmica até ao Ponto Omega. Os anjos? Tontices! É um nome que indica um momento na evolução. Pecado original? Um modo de designar um estado rudimentar da humanidade. A graça? Um estádio mais da evolução, um pouco à frente da natureza, mas não essencialmente diferente. E assim sucessivamente. Sobre esta base, é evidente, que a tarefa urgente era proceder a desmitificar, a dessacralizar. Assim a Encarnação – dizem – não e, na realidade, a assunção pelo Verbo da natureza humana, mas a presença do cristão entre os demais homens: deixemo-nos de mitos que o mundo maduro rejeita (por alguma coisa é maduro) e expressemos uma realidade aceitável.

Não. Não se trata de uma simples mudança de palavras. Trata-se de mudar o conteúdo da Revelação, de desvirtuar a doutrina de Cristo. Periodicamente, de tempos a tempos, costuma suceder isto. Se lerdos os Padres da Igreja podereis apreciar como gritavam, contra as falsificações da doutrina, que, por um caminho ou outro, se propagavam com uma constância digna de melhor causa.

O que é notável – talvez por isso se explique a extensão do caos actual – é que tais fantasias tenham calado fundo em alguns sectores dos quais mais havia que esperar uma adesão à doutrina de Cristo, uma adesão tão firme que deveria ter sido a denúncia das falsidades e a exposição do depósito da fé. Mas isto é outro assunto de que não nos vamos ocupar.

(Federico Soarez)